

# TALKING QUEER

Archive. Activism, Creative Disruptions

Entrevistador: Caio Simões de Araújo

**EPISÓDIO 4: QUANDO A MINORIA SE TORNA O ARQUIVISTA:** uma conversa com o *Nest Collective*

No episódio de hoje, conversamos com três membros do *Nest Collective*, um coletivo artístico multidisciplinar reunindo pessoas que vivem e trabalham em Nairobi. Tendo a sua sede em Nairobi, o trabalho deste coletivo faz forte referência às experiências urbanas e contemporâneas africanas, sendo este um terreno primário para a sua intervenção artística, e um assunto recorrente nas suas histórias e reflexões sobre possíveis futuros. Entre outras coisas, hoje falaremos sobre o projeto *Stories of Our Lives*, de 2015, que coletou centenas de narrativas íntimas e pessoais de pessoas *queer* em todo o Quênia. Vamos conversar com Jim Chuchu, que é cineasta, músico e artista visual; com Akati Kasiani, também conhecida como Atiani, que é contadora de histórias, música e integrante do projeto DJ do coletivo; e com Njoki Ngumbi, que é artista, escritora e pensadora feminista.

Olá pessoal, sejam bem-vindos ao podcast.

Obrigado, muito obrigado por nos receber.

**Para começar, vamos falar sobre o *Stories of Our Lives*. O coletivo foi criado em 2012, e apenas um ano depois, vocês embarcaram nesse projeto de história oral que resultou em um livro e um filme. Por que vocês decidiram trabalhar em um projeto sobre histórias de vida *queer*? O que inspirou esta abordagem?**

**Jim Chuchu:** Acho que o Nest Collective foi formado em um momento único na história do Leste da África, porque ao mesmo tempo em que estávamos formando nossos pensamentos sobre o que nós éramos, havia essa legislação sendo discutida no Uganda, a chamada lei para 'matar os gays'. E aquela conversa perniciosa se espalhou pelo Quênia, e de fato serviu para demonstrar a necessidade de abordar a questão da dignidade e dos direitos *queer*. E foi assim que nós acabamos tendo essa reflexão profunda como parte do nosso primeiro projeto. Porque para vários membros do coletivo que são homossexuais, esta era uma questão de pertença. É isso o que acontece quando um país se pergunta se as pessoas *queer* pertencem, o que não é algo sobre o que o cidadão médio de qualquer país tenha que pensar. Então, acho que foi uma questão das circunstâncias infelizes que vivíamos no Leste de África. Mas para além disso, a primeira convidada que nós tivemos já enquanto *Nest Collective* foi a ativista jamaicana Staceyann Chin, e ela nos radicalizou, de certa maneira, no que diz respeito a destacar nossa identidade *queer*.

**Então parece que o projeto respondeu tanto à questão política mais ampla a respeito dos direitos *queer* no Leste da África, quanto a uma dinâmica mais pessoal, e interna ao próprio coletivo. Imagino que, para alguns de seus membros que são *queer*, essa era uma questão de natureza pessoal também...**

**Njoki Ngumbi:** Sim, absolutamente. De uma certa maneira, acho que se não fosse esse o caso, realizar um projeto desta natureza estaria fora da nossa competência. Eu acho que era uma questão pessoal. Podemos dizer que era pessoal porque era pessoal. E também estávamos cientes de que mesmo os comentários mais espontâneos, qualquer pequeno texto ou piada que publicássemos nas redes sociais, podiam de facto repercutir profundamente nas nossas comunidades, mesmo além de nós, além de nós mesmos como indivíduos. Tudo isso fez parte do que deu origem ao *Stories of Our Lives* como um projeto documentário e arquivístico.

**Tenho curiosidade em saber porque vocês decidiram adotar essa abordagem arquivística. Eu suponho que havia uma série de outras estratégias criativas que vocês poderiam ter**

**adotado, como um coletivo, para levar a cabo este projeto. Mas vocês decidiram seguir uma estratégia investigativa que envolveu a coleta e o arquivamento de histórias de vida. O que havia nas histórias de vida e na noção de arquivo que o atraiu o interesse de vocês naquele momento?**

**Jim Chuchu:** Eu diria que a pergunta principal com a qual iniciamos este projeto era: “será a homossexualidade realmente uma importação do Ocidente?”. Porque esta é uma questão que é frequentemente usada para falar dos direitos e das identidades *queer* como sendo meras importações vindas do Norte Global, especialmente na África e no Sul Global. Claro, para nós, essa era uma afirmação ridícula. E quando você entra em um projeto tendo como base uma afirmação tão ridícula, você quer criar evidências para refutá-la. Portanto, na altura, não tínhamos ainda muito claro o que era a estrutura de um arquivo, nem as suas finalidades ou os seus usos. Acho que o que nós queríamos era, principalmente, encontrar evidências. E, claro, um arquivo era a resposta. Mas não acho que entramos no projeto pensando acerca do arquivo de forma tão estruturada como fazemos agora.

**Njoki Ngumbi:** Sim, não foi algo tão intencional no início. Eu acho que nós nos tornamos melhores em explicar certas coisas retrospectivamente. Porque quando pensamos na coleção de mais de 250 histórias recolhidas em nove cidades e vilas por todo o país, isso é certamente um arquivo por si só. Mas nós sabíamos que não queríamos que as pessoas preenchessem formulários, queríamos apenas fazer perguntas às pessoas, e que elas nos respondessem. Queríamos que o projeto fosse sobre pessoas conversando com outras pessoas, porque a questão fundamental com a qual começamos era tão desumanizante. E encontramos várias pessoas que, quando olhavam para aquela pergunta ridícula – “é a homossexualidade é africana?” -, diziam se tratar de uma boba, porque as suas próprias vidas eram uma resposta que indicava que a pergunta era uma “não entidade”, que não tinha razão de ser. Era esse o contexto em que nos encontrávamos.

**Vamos falar um pouco sobre o filme. Embora o *Stories of Our Lives* tenha sido um projeto de natureza documental, o filme não é um documentário. Por que vocês decidiram evitar o formato do documentário, optando por uma dramatização das histórias de vida que vocês coletaram?**

**Jim Chuchu:** Pessoalmente, eu vejo o formato do documentário com alguma circunspeção. É verdade que um documentário por representar certas questões de forma muito poderosa,

mas minha relutância em me envolver profundamente com o formato documental é que essa mesma forma foi usada para representar a negritude como inferior e para posicionar a África como um lugar de doença, de fome, e de pobreza. Então, sempre tive muita cautela em usar esse formato para representar vidas negras.

**E em que momento do projeto vocês decidiram organizar o livro? Pelo que percebi, vocês primeiro fizeram o filme, e o livro veio depois. Tenho curiosidade em saber como foi feita essa escolha. Como surgiu o livro?**

**Njoki Ngumbi:** O livro definitivamente veio depois. Claro, não podíamos fazer filmes com todas as histórias sobre as quais gostaríamos de ter feito filmes. Não havia tempo suficiente. Não havia dinheiro suficiente. Nunca há o suficiente. Mas lá estávamos nós, com este arquivo enorme, cheio de fragmentos sobre as vidas das pessoas. E decidimos que a maneira em que queríamos apresentar estas histórias ao público seria primeiro transcrevê-las e, em seguida, certificar-nos de que não havia nada de identificador em qualquer das transcrições. Então, se alguém tivesse dito “meu nome é Njoki e eu vivo em Nairobi”, nós tiramos o “Njoki” e tiramos o “Nairobi”. À parte disso, as histórias foram transcritas exatamente como nos foram contadas. A licença editorial que nós exercemos foi mais no sentido de organizar este material: ao invés de apresentar mais de 250 histórias no livro, uma em seguida a outra, nós decidimos editá-las e apresentá-las tematicamente. Então, juntamos várias histórias sobre as ideias que as pessoas tinham sobre a família, sobre a vida espiritual, sobre o futuro, e assim por diante. Achamos que desta maneira as pessoas iriam poder ler estas histórias de um jeito diferente e interessante, de um modo em que o leitor pudesse ver o que várias pessoas *queer* de todo o país pensavam em torno de um tema, ou quais eram as suas experiências em torno de uma determinada arena. As experiências de algumas pessoas eram de facto muito bonitas, delicadas e sentimentais. Enquanto outras pessoas tinham tido experiências bastante difíceis, às vezes com qualquer coisa de trágico ou até de violento. E nós queríamos apresentar essas histórias de uma forma em que o leitor pudesse realmente ver a profundidade e a amplitude de possibilidades da vida *queer*, uma vez que a vida *queer* não é um monólito.

**Vamos falar um pouco sobre a recepção do filme. Sabemos que o *Stories of Our Lives*, tanto o filme quanto o livro, foi muito bem recebido internacionalmente. Como foi a recepção no Quênia? E como tem mudado ao longo do tempo, desde o lançamento do projeto?**

**Jim Chuchu:** A recepção do filme foi geralmente surpreendente e gratificante. É incrível criar uma obra *queer* que consiga alcançar esse lugar ao sol, em termos de sua posição no arquivo de filmes *queer*, e particularmente filmes criados por africanos, em África, e para africanos. Então, estamos muito orgulhosos com o filme. A recepção no Quênia tem sido mais complicada, pois o nosso país tende a ter reações complicadas com tudo, não apenas com o nosso filme, e não apenas com as identidades *queer*. Mas essa é uma posição que continua a evoluir. E dependendo do quão otimistas estamos, às vezes sentimos que está tudo bem no mundo, em termos de sexualidade. Mas aí ouvimos dizer que um outro jovem trans foi morto, e isso nos faz pensar: “para onde estamos indo?”. Então, para nós, é uma situação que muda todos os dias, todos os anos.

**Quando vocês pensam sobre o projeto *Stories of Our Lives* hoje, há qualquer coisa que vem à mente em termos de lições que vocês aprenderam no caminho? Ou talvez qualquer coisa que vocês teriam feito de forma diferente, e que queiram compartilhar?**

**Njoki Ngumbi:** Talvez eu possa dizer que uma das críticas que recebemos foi que nos focamos demasiadamente em pessoas jovens na nossa recolha de histórias. Mas há alguns anos atrás, tivemos oportunidade de fazer outra rodada de coleta de histórias, e pudemos fazer algumas perguntas a pessoas mais velhas, e coletar as suas histórias também. E isso para nós levantou questões de fato interessantes sobre as possibilidades de conversas intergeracionais dentro da comunidade *queer*. Por exemplo, seria super interessante ver, se alguém sáisse e coletasse histórias de pessoas *queer* muito mais jovens e depois comparasse com histórias de pessoas muito mais velhas, quais seriam as ligações entre elas? Quais são as coisas que essas histórias teriam em comum? E aí você se dá conta que nós não deveríamos ter que ainda estar lidando com certos problemas nos dias de hoje. Mas a realidade é que ainda estamos, simplesmente por causa da dificuldade de se passar histórias *queer* de geração para geração, porque alguém acha que essas são histórias perigosas para o público. Então, acho que a questão vai muito além da existência de arquivos. A questão é como essas histórias podem ser transmitidas às pessoas que precisam ouvi-las. E é geralmente aí que enfrentamos muitas dificuldades parvas. Ao mesmo tempo, é bom que os arquivos existam, para que as pessoas encontrem maneiras de acessá-los em qualquer momento. E os seres humanos sempre encontraram maneiras de acessar as coisas que desejam acessar. Nós já ouvimos várias histórias sobre o livro *Stories of Our Lives* sendo roubado das casas das pessoas. Alguém vem até nós, e nos diz: “toda vez que

compro esse livro, alguém o leva da minha casa. Preciso de outro exemplar”. Várias pessoas têm encontrado maneiras de circular o DVD do *Stories of Our Lives* em todo o mundo. Então, as pessoas encontram maneiras de fazer as coisas. Eu acho que há algo ao mesmo tempo bom e mal nisto, em torno do fato de que enfrentamos estes limites significativos. Mas ao mesmo tempo há algumas brechas significativas que nos permitem superar estes limites.

**Acho que isso abre uma conversa interessante sobre as relações entre a cultura *queer* e a cultura social dominante, entre os espaços *queer* e os espaços convencionais. Este parece ser o momento perfeito para passar para o segundo projeto que discutiremos hoje, a série de festas só para mulheres, chamada *Strictly Silk*. Como esse projeto surgiu?**

**Akati Kasiani:** Quando começamos o nosso projeto musical em 2017, começamos a pensar sobre os eventos em que gostaríamos de nos apresentar, e começamos também a pensar sobre a cultura da vida noturna de forma geral. Uma das conversas que surgiram tinha a ver com as diferentes experiências que as mulheres, as artistas mulheres, e a comunidade *queer* tinham na cultura noturna, nas discotecas. E começamos a pensar: e se tivéssemos um evento feminino, só para mulheres, que levasse em consideração todas as coisas com que elas têm que lidar para vivenciar o mesmo tipo de noite que os homens? A maioria dessas coisas tinha a ver com a questão da segurança, tanto física quanto relacional, isto é, com as pessoas que estão ao seu redor. E decidimos organizar nossa primeira festa *Strictly Silk* em Dezembro de 2018. Foi assim que tudo começou.

**Ao criar *Strictly Silk*, vocês adotaram uma concepção ampla e abrangente do que é um espaço exclusivamente feminino. Vocês decidiram abertamente acolher mulheres trans e pessoas não-binárias. Por que é importante para vocês ter essa inclusividade?**

**Akati Kasiani:** Porque eu não acho que haja uma linha clara, onde uma pessoa possa separar as experiências que afetam as mulheres cis daquelas que afetam as mulheres trans nas nossas experiências da vida noturna. Todas elas vão se deparar com diferentes aspectos da face do patriarcado. E era importante para nós deixarmos claro que quando dizemos que esta festa é para mulheres, estamos incluindo mulheres trans, porque elas têm sido tantas vezes excluídas desta noção de feminilidade. E quando falamos sobre pessoas não-binárias, muitas vezes elas também são deixadas em um purgatório, e lhes dizem que elas precisam “escolher um lado”,

por assim dizer. Mas temos a mesma faca apontada contra nós, é o mesmo fardo da opressão, e estas festas são uma oportunidade de oferecer algumas horas de alívio.

**Njoki Ngumbi:** Eu posso acrescentar que essa conversa mais ampla sobre quem é bem-vindo em certos tipos de espaços está em constante evolução. Espaços como o *Strictly Silk* são uma porta de entrada. E ainda há muitas conversas que precisamos ter sobre, por exemplo, para onde os homens trans devem ir, e achamos que é crucial que a comunidade LGBTQ continue a ter essas discussões importantes e difíceis. Portanto, isto faz parte de um debate mais amplo sobre espaços seguros, que vai desde o nível privado e íntimo do indivíduo, até preocupações mais amplas sobre a comunidade, e até mesmo preocupações humanas de uma forma geral. As conversas que ainda precisamos ter são muito profundas, mas é importante encontrar um ponto de partida. Os pontos de partida são a chave para tudo.

**Vamos agora falar sobre o seu projeto mais recente, *The Feminine and The Foreign*, que ainda está em andamento. Imagino que seja um projeto ao mesmo tempo promissor e difícil de se fazer, considerando que traz um componente transnacional. Contem-nos um pouco mais sobre o projeto. Como tem sido trabalhar em diferentes contextos e sobre diferentes temas?**

**Njoki Ngumbi:** Esse é o primeiro projeto desse tipo que realizamos. Ao mesmo tempo, não é, porque tem muitos aspectos da forma documental e arquivística com a qual temos trabalhado desde o início. Estávamos interessados nas maneiras pelas quais as misoginias cotidianas, as homofobias e as transfobias cotidianas, e os sentimentos anti-imigrantes cotidianos, parecem estar se galvanizando e se tornando uma força profundamente representativa do patriarcado que sustenta todos esses sentimentos. E está se tornando cada vez mais evidente que mesmo os pequenos ganhos que foram feitos por diferentes comunidades em diferentes lugares do mundo correm o risco de serem revertidos. Em alguns lugares, nós ouvimos falar de pessoas *queer* que adotaram crianças e agora estão tendo algumas dessas adoções questionadas. Há também, é claro, as terríveis histórias que nós temos ouvido sobre as mudanças aleatórias no status de imigrantes em diferentes contextos. Então, temos estado a refletir sobre essa galvanização, em um certo sentido, e temos nos perguntado como ativistas em diferentes espaços estão a se organizar em resposta a esta situação. Além disso, nós achamos que muitas vezes as pessoas veem ativistas como soldados por uma causa, e não realmente como pessoas que amam, e que também precisam dar um tempo para poder se curar. Então, temos estado

profundamente interessados em tentar entender o ativista como um ser humano completo. Essencialmente, são essas questões que tratamos em *The Feminine and The Foreign*.

**Eu agora queria voltar à questão do documentário da que falamos anteriormente. Jim, você mencionou que é reticente em relação ao formato do documentário, sobretudo porque esta forma tem sido usada pelos europeus para retratar o “outro”. No caso deste projeto, vocês trabalham no Quênia, mas estão filmando em outros sítios, como a África do Sul e a Europa. De certa forma, portanto, o projeto subverte as estruturas de poder convencionais que você mencionou anteriormente. Terá a sua posição sobre o documentário mudado como resultado do trabalho que você está fazendo agora?**

**Jim Chuchu:** Com certeza. Eu acho que uma das coisas interessantes sobre este projeto é essa ideia do africano ser aquele com a câmera, filmando na Europa e na África do Sul, que em muitos aspectos se comporta como a Europa. Acho que algo de muito interessante acontece no mundo quando a minoria se torna o documentador, quando a minoria se torna o arquivista, o contador de histórias. E com toda a reviravolta que aconteceu no ano passado, sobretudo após a morte de George Floyd, onde em várias instituições estavam a se perguntar: quem é que tem a voz majoritária onde eu trabalho, onde eu moro, onde eu como? Acho que há espaço para redesenhar o mundo se você permitir que as pessoas falem sobre o mundo e para o mundo. E, assim, este projeto tem sido muito interessante em termos de nos permitir ser o documentador. Vamos ver o que acontece.

**Tenho certeza de que o resultado será brilhante, como sempre. E assim chegamos ao final do nosso bate-papo. Jim, Akati, Njoki, obrigado por terem se juntado a nós no podcast. Foi um prazer, realmente.**

De nada, e obrigado por nos receber.